

TROVOADAS DE VERÃO

Nuno S. Tavares

TROVOADAS DE VERÃO

Preâmbulo

TROVOADAS DE VERÃO

I

Atlântico Norte, 14 de Agosto de 2008. A noite estava escura, mergulhada na completa ausência de luar. Um cargueiro navegava pelo extenso oceano acompanhado pelo ruído do cortar da ondulação e o som ténue dos motores. Era um navio comprido, carregado com dezenas de contentores de várias cores. Deixara o porto de Lisboa e navegava para o Canadá com escala prevista no porto de Ponta Delgada na ilha de São Miguel nos Açores.

Xavier olhava o vazio negro em redor, debruçado no parapeito a bombordo, com a mente a perder-se em memórias. Trinta e seis anos e o sentimento de não ter construído nada na vida para além da sobrevivência diária. Indivíduo esforçado e trabalhador, deixara as suas origens no Alentejo, perto de Évora, para se empregar numa fábrica em Palmela. Vivia sozinho na Quinta do Anjo, a poucos quilómetros do emprego que fora o seu ganha-pão durante vários anos até a falência o atirar para o desemprego. Consciente das dificuldades de arranjar um novo emprego quando se tem mais de trinta e cinco anos e uma vida sem laços que o prendessem, acabou por optar pela emigração.

Afectivamente, Xavier não ia além das relações ocasionais. Não era homem de querer partilhar a vida com ninguém, pois os elos sentimentais vislumbravam-se na sua mente mais como um peso que como um benefício.

No seu íntimo sempre tivera um espírito aventureiro, daí que emigrar não era mais que uma aventura de quem nada tinha a perder. Ouvira falar em boas oportunidades para os portugueses no Canadá, mas faltava-lhe o dinheiro para a viagem e para um novo começo de vida numa terra estranha.

Numa das suas últimas tentativas de arranjar emprego em Portugal, foi até Lisboa e procurou trabalho no porto da capital. Após algumas recusas, avistou um cargueiro ancorado junto à doca.

A manhã ia a meio, mas o Sol estava já bastante agressivo. O calor e o desalento de quem não conseguia o objectivo deixavam Xavier agastado. Começava a acreditar que ter saído de casa bem cedo para apanhar o comboio em Coima e vir a Lisboa fora um desperdício.

Uma longa prancha ligava o navio à doca. E junto a ela, um homem forte e alto escrevia num bloco preso numa placa rija, enquanto ia gritando ordens para alguns marinheiros. Não saberia dizer que idade tinha, contudo parecia-lhe mais velho que ele.

— Bom dia! — disse Xavier, aproximando-se.

— Bom dia! — retribuiu o outro num tom neutro sem grande simpatia, mas sem ser antipático.

— Estou à procura de emprego. — explicou Xavier. — Posso falar com a pessoa que contrata? Pode ser que...

— Estás a falar com ele, rapaz. — cortou o homem, olhando para Xavier e avaliando-o, pois parecia-lhe suficientemente encorpado para o trabalho duro do navio. — Estou a precisar de mais um par de braços, mas vamos navegar para longe.

— Vão para onde?

— Canadá. Montreal, mais precisamente.

Xavier sorriu perante a oportunidade e respondeu:

— Isso para mim não é problema. Estou a pensar emigrar para o Canadá.

— Mas isto não é um barco de viagem. — retorquiu o outro. — É para trabalhar.

— Eu trabalharei.

O homem sorriu-lhe com alguma ironia e disse:

— Espero que sim, senão atiro-te borda fora. Estás contratado!

Foi desta forma que Xavier encontrou um emprego e um meio de transporte para o Canadá. Entrou ao serviço ao fim dessa tarde, levando consigo um longo saco estilo militar com o máximo de coisas que lá coubessem, tudo o que fosse imprescindível a esta nova empreitada da sua vida. O resto ficaria para trás.

Assim, naquele instante, após tanto trabalho, Xavier aproveitava a pausa a repousar olhando o mar. O futuro era uma incógnita, mas ele não o receava, apenas estava ansioso por algo novo, algo que o estimulasse como nada o estimulara nos últimos anos. Parecia quase uma irresponsabilidade, deixar tudo pelo desconhecido, só pela aventura.

Xavier tinha uma aparência robusta, nada de exageradamente forte, mas notavam-se os músculos dos braços e o tronco imponente. Contudo, nunca tivera um trabalho que requeresse tanto esforço físico como aquele, daí que sentisse todos os membros doridos.

A sua concentração no horizonte vazio foi interrompida por uma voz que o chamou. Xavier rodou a cabeça e viu o comandante do navio aproximar-se e colocar-se a seu lado.

— Dia duro, rapaz?

— Não, capitão. — Ninguém sabia o nome do comandante do navio e todos o tratavam por capitão. — Apenas um dia de trabalho.

— Devias ir descansar... Amanhã será mais um dia duro, quando chegarmos a Ponta Delgada. Já alguma vez estiveste nos Açores?

— Não. Nunca saí do continente.

— É muito bonito. Eu só não estive nas ilhas do Corvo e Flores. — contou o comandante, olhando também ele para o negrume envolvente. — Mas as que visitei apaixonaram-me. Um dia que tenhas essa oportunidade, visita-as.

— Talvez um dia... Agora, estou mais preocupado em chegar ao Canadá.

— Desejo-te sorte, rapaz.

— Capitão! — chamou uma voz perto dos enormes contentores.

O homem afastou-se de Xavier e foi ver o que se passava.

Por momentos, o seu olhar ficou sobre os homens a conversar até regressar à escuridão do mar nocturno, altura em que um bocejo atraçou a sua resistência ao sono. Decidiu recolher ao dormitório.

A camarata onde os marinheiros descansavam era composta por diversos beliches encostados às paredes e presos por abraçadeiras que os impediriam de baloiçar em caso de o mar se apresentar demasiado agressivo.

Muitos camaradas de Xavier dormiam tranquilamente nos seus colchões, enquanto ele apenas se deitara no seu para esperar o sono. Deu por si em memórias, lembranças dos tempos de miúdo nas planícies alentejanas, correndo com os amigos do seu universo infantil, jogando à bola... Enfim, coisas normais da infância. As recordações nem vinham nada a propósito, mas soube-lhe bem recordar essa fase em que os problemas se resumem a nada. De tal forma divagou nas lembranças que acabou por adormecer sem se dar conta.

Se sonhou, a sua mente não registou. Xavier acordou sobressaltado com o som violento de uma explosão a bordo. Logo de imediato, uma sirene alertou a tripulação que já abandonava os colchões para se inteirar do sucedido. Aparentemente não se passava nada que fosse visível do exterior.

No entanto, o problema era bastante grave. Não comprometia a integridade do navio, mas impedia-o de avançar. Xavier não conhecia as causas, apenas sabia que algo fizera explodir uma caldeira que por sua vez danificou o motor, deixando o cargueiro paralisado no alto mar.

O sector dos motores ainda estava com muito fumo quando Xavier desceu até lá para ver o que se passava. O fogo que a explosão ateara já estava extinto, mas quase tudo em redor se queimara ou chamuscara. Xavier ouviu a voz do comandante:

— Qual é a gravidade?

Os olhares de todos voltaram-se para um homem que Xavier ainda não conhecia, o chefe de máquinas do cargueiro.

— Para já, estamos à deriva. — respondeu o outro. — Vou tentar reparar, mas não sei se tenho tudo o que preciso a bordo.

— Tenta, pelo menos, colocar-nos em marcha para chegarmos a Ponta Delgada. — pediu o comandante. — Lá, conseguiremos reparar o que não conseguirmos aqui.

— Certo, capitão.

O chefe das máquinas, excelente mecânico para quem já servia no navio há bastante tempo, concentrou-se na reparação do motor, ajudado por alguns tripulantes da sua equipa responsável pela mecânica.

Para Xavier, a situação tornara-se complicada, pois estava retido no mar alto sem previsão de sair dali.

II

A vivenda Vilaça era uma luxuosa moradia em Cascais, pertença da família Vilaça. Quase se poderia considerar um palacete, tal era a dimensão do imóvel com três pisos, vários quartos, dois enormes salões e inúmeras divisões de utilidade dos donos ou para as funções dos empregados. A casa era rodeada por uma propriedade de muitos metros quadrados cercados por altos muros forrados por vegetação. Lá dentro, um enorme jardim, piscina privativa e até *court* de ténis.

O patriarca da família e dono daquele local era um multimilionário de oitenta anos que falecera uma semana antes, deixando viúva a sua jovem esposa de trinta e três anos, com quem estivera casado pouco mais de quatro.

Ana Valquíria, mulher com uma figura fascinante, tinha tanto de esbelta como de fria. Quem lhe encontrasse o olhar só receberia uma de duas mensagens, “quero-te” ou “desprezo-te”, sendo que a segunda era a mais usual. Pouco se sabia do seu passado, antes de conhecer o falecido marido. Para quase todos, ela era uma predadora de maridos ricos que casara por interesse. No entanto, quem a via com ele, via a perfeita interpretação da esposa apaixonada e dedicada.

A verdadeira história de Ana Valquíria era uma incógnita e só ela sabia a mágoa que lhe consumia a alma havia cerca de cinco anos.

Nessa altura, conhecera o amor da sua vida, Bernardo Vilaça, o belo filho do velho Vilaça. Cruzaram-se por coincidência numa festa e encantaram-se um pelo outro, nascendo entre eles uma afinidade que levou à amizade que rapidamente se tornou em algo parecido com amor.

Ana Valquíria era uma aspirante a actriz que ganhava a vida com pequenos trabalhos de modelo e como empregada numa loja de roupa num complexo comercial. Quando se apaixonou por Bernardo, a vida parecia-lhe um conto de fadas, pois para além de a amar, ele era herdeiro de uma imensa fortuna. Claro que ela sempre acreditou que o dinheiro não fazia diferença, pois seria capaz de o amar mesmo que ele não tivesse um cêntimo. Porém, a vida colocou-a à prova...

Ana Valquíria e Bernardo Vilaça namoraram alguns meses, tempo durante o qual ela pouco sabia da família Vilaça para além da sua enorme riqueza e património. Tal como desconhecia a terrível relação que

existia entre Bernardo e o seu pai, o velho Vilaça, que ele sempre responsabilizara pela morte da mãe.

Felizes na relação, Bernardo decidiu dar o próximo passo: pedir Ana Valquíria em casamento. No entanto, antes de o fazer, cometeu o maior erro da sua vida, levando a bela namorada a conhecer o futuro sogro.

O velho Vilaça ficou encantado com Ana Valquíria. Não como um pai ficaria por conhecer a futura nora, mas sim como um homem se encanta ao ver uma mulher linda e sensual na sua presença.

Bernardo Vilaça não percebeu, mas Ana Valquíria ficou desde logo incomodada com a forma como o velho a observava, quase como se a tentasse despir com o olhar.

A tensão entre pai e filho era evidente e o ambiente de cortar à faca. Felizmente o encontro não acontecera numa refeição, fora meramente uma visita de cortesia ao casarão dos Vilaça, para Bernardo apresentar Ana Valquíria ao pai que mais não era que atirar-lhe à cara a imensa beleza da sua namorada.

Foi um erro, um trágico erro.

O encontro não durou mais que uns quinze minutos e Ana Valquíria sentiu-se aliviada quando abandonou a propriedade na companhia do namorado, longe de saber que aquele momento mudaria a sua vida para sempre.

Dois dias mais tarde, enquanto trabalhava na loja, recebeu a visita de um homem com ar formal que a interpelou:

— É a Ana Valquíria?

Surpresa, ela anuiu com algum receio.

— Sou o advogado do Dr. Vilaça. — apresentou-se com rosto fechado sem manifestar intenção de lhe estender a mão.

— Do Bernardo? — questionou.

— Não. Sou o advogado da família Vilaça e foi o pai do Bernardo que me mandou cá.

Ana Valquíria não conseguiu esconder o ar de estupefacção.

— Será que podemos conversar? — inquiriu ele.

— Neste momento estou a trabalhar. — retorquiu ela, colocando uma postura mais rude, adivinhando que aquele homem fora enviado para a confrontar com qualquer tentativa da sua parte de querer tirar dividendos da relação com o herdeiro do património Vilaça. — Não é oportuno.

O homem assentiu e deixou a sugestão que fez parecer como uma ordem:

— Estarei aqui à sua espera quando sair. Acredite, é um assunto do seu interesse.

E com aquelas palavras, abandonou a loja.

Ana Valquíria ficou transtornada o resto do dia. E a sua apreensão só aumentou quando viu novamente o homem, esperando-a à saída da loja. Dirigiu-se a ele com ar altivo.

— Bom, diga lá o que tem a dizer.

— Pode acompanhar-me? — sugeriu o advogado.

Hesitante, Ana Valquíria olhou em redor e recusou com a justificação:

— Este sítio parece-me tão bom como qualquer outro para ouvir o que tem a dizer.

— Quero apenas levá-la até ao Dr. Vilaça. — explicou o homem num tom seco. — O carro dele está lá fora. Ele veio propositadamente para conversar consigo.

Apreensiva, ela acabou por concordar em acompanhá-lo.

A noite já caíra por completo no exterior do centro comercial e o vento soprava com alguma intensidade. O parque de estacionamento estava quase lotado.

O percurso foi feito sem que fosse trocada qualquer palavra entre eles. A cerca de vinte metros da saída, Ana Valquíria viu um luxuoso Mercedes preto parado atrás dos carros estacionados, como alguém que não pretendia demorar-se.

O advogado parou junto à porta de trás do lado direito e deu um toque ligeiro no vidro. Parada ao lado do homem, ela não conseguia vislumbrar nada no interior do carro.

O vidro abriu com uma lentidão irritante. Atrás, surgiu o rosto taciturno do velho milionário.

— Boa noite, Ana! — cumprimentou num tom frio. — Não a farei perder muito tempo. Queria apenas dar-lhe uma palavrinha acerca da sua relação com o meu filho.

— Já calculava. — retorquiu com um sorriso sarcástico. — Veio ameaçar-me? Está com medo que eu esteja com o seu filho pelo dinheiro?

— Não. — interrompeu Vilaça. — Não me interessam as razões que a ligam ao imprestável do meu filho. Se é o dinheiro, perde o seu tempo. O Bernardo nunca herdará nada daquilo que é meu.

Ana Valquíria controlou o choque pela informação e, adoptando uma postura agressiva, lembrou:

— Ele é o seu único filho. Não pode impedir que ele herde...

— Você não sabe nada! — afirmou com autoridade. — Um homem como eu, um homem com o meu poder, pode fazer o que quiser. — Forçou um sorriso que lhe atirou com semblante de desejo que a enojou. — Sabe, Ana, você é uma mulher bonita, muito bonita mesmo.

Devo concordar que é demasiado boa para o meu filho. Uma mulher como você pode chegar longe.

A irritação crescia no espírito dela.

— Se não se importa, agradecia que dissesse o que quer. Tenho mais que fazer que ouvir elogios de um velho gagá.

Vilaça ofendeu-se e fulminou-a com o olhar. Mas, logo depois sorriu-lhe e olhou-a de alto a baixo.

— Como lhe disse, o Bernardo não herdará nada.

— Não me interessa, eu amo o seu filho, não o seu dinheiro.

A gargalhada de escárnio ecoou dentro do Mercedes.

— Adoro estas jovens que acreditam na fábula de amor e uma cabana. — Ana Valquíria fez um movimento para se afastar. — Espere, Ana! Ouça o que tenho para lhe dizer. — Ela voltou a encará-lo. — O Bernardo não herdará nada, mas a Ana poderá ter tudo.

— Como assim?

— Afaste-se do Bernardo!

— E quanto me quer pagar para eu o fazer? — interrogou com desdém.

— Não pretendo pagar-lhe para isso. — refutou o velho. — Ou melhor, não da forma que está a pensar.

— Então?

— Proponho-lhe que se torne na nova senhora Vilaça.

Ana Valquíria ficou incrédula e boquiaberta com o choque da proposta.

— Case-se comigo, seja minha esposa dedicada. — adicionou. — Como já percebeu, não conto viver muito mais tempo. E após a minha morte, a Ana Valquíria ficará como toda a fortuna Vilaça.

— O senhor é nojento!

— Pense nisso, Ana. Não preciso que me dê uma resposta já. Mas, imagine a fortuna que ficará nas suas mãos.

— A qual poderei obter igualmente ao casar com o Bernardo, o qual irá herdar tudo isso quando você morrer.

— Ana! — exclamou novamente Vilaça. — Acredite no que lhe digo. O Bernardo nunca herdará nada. Para alguém com o dinheiro e o poder que tenho, há muitas formas de o fazer. Ainda lhe digo algo mais para a ajudar a uma decisão. Ninguém a obriga a nada, mas quero que saiba que cada uma das hipóteses tem as suas consequências. A primeira, já lhe disse: Case comigo e será uma mulher riquíssima. Se optar por ficar com o Bernardo, farei tudo para tornar a vossa vida miserável.

— Eu amo o seu filho! — insistiu. — Prefiro mil vezes passar fome com ele do que ser rica consigo.

— Talvez acredite nisso agora.

— O senhor é execrável.

Vilaça voltou a fulminá-la com o olhar. Contudo, ela era um prémio do qual não queria abrir mão. E habituado como estava a ter tudo o que queria, jogou a cartada final:

— Se Ana não ficar comigo, também não ficará com o meu filho.

— Por muito dinheiro que tenha, não pode controlar o sentimentos dele e os meus. — retorquiu ela com segurança.

— Talvez não, mas posso mandar alguém fazer com que o meu filhinho tenha um acidente e vá fazer companhia à mãezinha dele no Inferno.

Desta feita, o choque foi mais intenso, de tal forma que ela não foi capaz de proferir nada, para além de:

— O senhor não seria capaz...

O velho Vilaça concluiu:

— A decisão é sua.

O vidro voltou a subir e ele desapareceu. O advogado entrou para o lugar ao lado do motorista, o qual ligou o motor.

Estupefacta, Ana Valquíria ficou a ver o carro afastar-se.

Aquele encontro atormentou-a toda a noite. E no dia seguinte, foi surpreendida por um Bernardo desesperado que lhe telefonou a meio da tarde.

— O meu pai expulsou-me de casa. — informou-a. — Aquele filho da puta nem foi capaz de me dizer na cara. Mandou o advogado informar-me que deveria abandonar a casa e que tinha sido demitido das minhas funções na empresa. E vinha acompanhado por seguranças para que eu não contestasse. Tentei ir à empresa falar com aquele pulha, mas não me deixaram entrar.

Apesar de toda a conversa com o pai de Bernardo não lhe sair da cabeça, ainda não tomara uma decisão concreta em relação ao que iria fazer. Porém, não esperava que os acontecimentos se tivessem desenrolado tão depressa.

— Posso ficar em tua casa até organizar a minha vida? — questionou ele.

Ana Valquíria viu-se confrontada com o momento da verdade. Ela amava-o com toda a força do seu ser. Porém, algo a levava a acreditar que o velho Vilaça seria capaz de mandar assassinar o próprio filho. Temeu por ele. Não conseguiria suportar ser a causa da sua morte.

— Agora estou a trabalhar. Podemos falar mais tarde? — sugeriu para ganhar tempo.

A relutância em o ajudar, que Bernardo sentiu na resposta, surpreendeu-o.

— Sim, claro. — concordou. — Mas, posso passar por aí para ir buscar a chave e esperar-te em tua casa?

Houve um silêncio de três segundo que pareceu uma eternidade. Por fim, Ana Valquíria respondeu:

— Acho que estamos a avançar muito rápido. Talvez seja melhor procurares outro sítio onde ficar.

— O quê? — questionou incrédulo. — Val! Estou na rua, sem dinheiro. O meu pai conseguiu tirar-me tudo. Estou a pedir-te ajuda.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Ana Valquíria com o coração partido por estar a desprezar o amor da sua vida, crente que só assim o poderia proteger da maldade do seu pai.

— Não posso, Bernardo. Perdoa-me! — E desligou a chamada.

Bernardo insistiu, mas ela não voltou a atender e acabou por desligar o telemóvel. Pediu à colega que tomasse conta de tudo e foi refugiar-se alguns minutos na casa-de-banho, onde chorou compulsivamente.

Recomposta, voltou ao trabalho e tentou sem sucesso esquecer o que estava a acontecer.

Só voltou a ligar o telemóvel quando entrou em casa. O aparelho apitou cinco tentativas de chamada e uma nova mensagem escrita. Com as mãos a tremer, carregou no botão e leu a mensagem: "Enganaste-me bem. Não passas de uma vadia que só estava comigo para chegar ao dinheiro do meu pai. Lamento ter-te amado verdadeiramente, a ti que não passas de uma puta atrás de um qualquer estúpido rico."

Destroçada, deixou-se cair no sofá, completamente lavada em lágrimas.

Na manhã que se seguiu àquele rompimento com o homem que tanto amava, Ana Valquíria informou a sua chefe que não iria trabalhar nesse dia, pois encontrava-se indisposta. De seguida, procurou na Internet a morada da sede do império Vilaça e deslocou-se a Lisboa.

Quando se apresentou na recepção dos escritórios para falar com o todo poderoso Vilaça, a recepcionista recusou-se a anunciá-la, tomando-a por alguém que apenas queria importunar o patrão.

— Aconselho-a a informar o seu patrão de que eu estou aqui para falar com ele. — insistiu Ana Valquíria com arrogância. — Caso contrário poderá vir a perder o emprego.

Não estando disposta a correr o risco, a funcionária pegou no telefone e comunicou a sua presença. Sem conseguir disfarçar a surpresa, desligou e pediu-lhe que aguardasse um pouco que viria alguém para a levar ao patrão.

Após dez minutos, um indivíduo com postura de carregador armários, identificado com o dístico da empresa de segurança que assegurava a circulação no edifício, aproximou-se de Ana Valquíria e pediu-lhe que o acompanhasse.

Subidos vinte andares de elevador e atravessados dois corredores, o homem apontou-lhe a entrada da sala de espera, onde deveria aguardar que a chamassem.

Ana Valquíria sentou-se numa das cadeiras vazias daquela sala solitária. Envergava toda a sua elegância de modelo, vestindo calças de ganga azuis, uma camisa fina bege e um casaco formal escuro. Calçava sapatos de salto alto que a tornavam mais imponente e usava o cabelo louro solto sobre os ombros. Maquilhara-se para disfarçar o melhor que conseguiu o inchaço que envolvia os olhos verdes, resultante de uma noite em branco a chorar.

Ele fizera-a esperar mais de meia hora, altura em que uma senhora na casa dos cinquenta anos, muito bem aprumada, entrou na sala e pediu que a acompanhasse.

Quando entrou no gabinete, o velho Vilaça esperava-a com o olhar no exterior e de costas para a porta. Ao sentir a sua entrada, virou-se com um sorriso triunfante que só adensava a imensidão de rugas do seu rosto.

— Que bela surpresa. — disse ele, apontando-lhe a cadeira em frente à secretária. — Apesar que tenho de confessar que não me surpreende que tenha vindo. — Ana Valquíria aproximou-se sem manifestar intenção de se sentar. — Calculo que afinal, a Ana perdeu a crença na fábula de um amor e uma cabana.

Ela ignorou o comentário e, num tom áspero, disse:

— O senhor fez-me uma proposta. Vim discutir os termos do nosso acordo.

Divertido, Vilaça virou-se para ela, altura em que revelou que se movia apoiado numa bengala.

— É justo. Gosto dessa sua postura de negociante, como se tivesse condições para negociar.

Sem desviar o olhar nem se mostrar insegura, contrapôs:

— Se é para ser tudo a seu gosto, acho que estou a perder o meu tempo. Talvez seja melhor ir embora.

— Não seja tola, Ana. — advertiu ele. — Ambos sabemos as consequências que isso poderia ter para o Bernardo.

— Eu e o Bernardo já não temos nada um com o outro. Pouco me importa o futuro dele.

O velho soltou uma gargalhada escarninha.

— Quase que acreditava, não fosse o facto de o seu rosto denunciar o quanto já não chorou desde ontem. — Ela desviou o olhar. — Pensava que conseguia esconder isso? Ana, já cá ando há muitos anos. Não sou enganado facilmente... Ou melhor, nunca sou enganado. — Caminhou com dificuldade, apoiado na bengala, e contornou a longa secretária que lhe servia de mesa de trabalho. — Mas, hoje sinto-me generoso. E estou disposto a ouvir as suas condições.

Ana Valquíria voltou a encará-lo.

— Quero que prometa e cumpra que não fará nada contra o Bernardo. E que lhe fará chegar o dinheiro suficiente para que possa sobreviver descansado. Quero um casamento com comunhão total de bens, não serei só a senhora Vilaça, passarei a ser dona de metade de todo o império Vilaça. E quero um lugar no Conselho de Administração.

Vilaça ofereceu-lhe um semblante de gozo e prosseguiu as suas lentas passadas até ficar defronte dela.

— Sempre gostei de uma boa negociação, por isso, vou fazer de conta que o acordo está dependente de algumas cedências. — disse, olhando-a com desejo. — Não farei nada contra o Bernardo, mas também não lhe darei dinheiro nenhum. Não teremos um casamento de comunhão total de bens, jamais aceitaria partilhar o meu património. Porém, estou disposto a apresentar-lhe o meu testamento formalizado em que a faço herdeira de tudo.

— O testamento pode ser alterado em qualquer momento.

— Sim, é verdade. Terá de confiar.

— Não chega.

Vilaça anuiu como se ponderasse uma solução. Por fim, propôs:

— Dou-lhe um prémio de assinatura de um milhão de euros, pagos no dia do casamento.

— E o lugar no Conselho de Administração.

Ele abanou a cabeça.

— Aquilo é um lugar para homens competentes, não para uma carinha bonita que pode ter jeito para muita coisa, mas não para gerir negócios.

— Não pretendo ser uma esposa doméstica ou uma mulher fútil a passear com o cartão de crédito do marido. Se não posso ser proprietária de metade do património, quero pelo menos estar nos momentos das decisões e ter opinião nelas.

Vilaça não respondeu. Ao invés, levantou a mão que não se apoiava na bengala e direccionou-a ao peito dela. Contudo, Ana Valquíria travou-o, segurando-lhe o punho.

— Nem pense. Não haverá intimidades antes do casamento.

O velho encarou-lhe o olhar com frieza, mas só encontrou desafio no dela. Fez tensão de afastar a mão e ela libertou-lhe o punho.

— Só após a minha morte, a Ana terá acesso ao Conselho de Administração para ocupar o meu lugar. Nunca antes.

— Já lhe disse que não pretendo ser uma esposa doméstica ou uma mulher fútil a passear com o cartão de crédito do marido.

— E eu não pretendo comprar o produto sem antes ver a mercadoria. — ripostou, apontando para o corpo dela.

— Está fora de questão. — recusou intransigente. — Não me tocará com a ponta de um dedo antes do casamento.

Vilaça concordou, assentindo com a cabeça. A seguir, propôs:

— O Grupo Vilaça tem uma empresa de moda, uma coisa mínima com um lucro irrisório, algo que até me esqueço que existe. Pode ficar com ela para se entreter e não ser uma doméstica com cartão de crédito. Honestamente, não estava a pensar dar-lhe nenhum cartão de crédito ilimitado, apenas uma mesada para os seus gastos. Mas, sendo assim, dou-lhe a direcção dessa empresa e o respectivo ordenado.

— Está bem. — aceitou.

— E aceito não lhe tocar antes do casamento, mas vou querer ver.

— Como assim?

— Quero que se dispa.

Houve um momento de hesitação. Porém, Ana Valquíria acedeu a despir o casaco e a abrir a camisa, revelando o soutien que lhe destacava o volume dos seios.

— Não vou tirar mais nada! — exclamou com altivez.

O velho não insistiu e fez-lhe um gesto com a mão para que se vestisse, enquanto pedia à secretária, pelo intercomunicador, que chamasse o advogado para que o acordo fosse formalizado.

TROVOADAS DE VERÃO

III

Naquele início de tarde, algumas pessoas estavam reunidas no salão da casa, pois fora agendada para aquela data e lugar a leitura do testamento do falecido. Sentados nos sofás, alguns directores das empresas que constituíam o império financeiro Vilaça, os quais estavam curiosos com a última vontade do multimilionário. Não existiam descendentes presentes, uma vez que o único descendente dele, o filho, desaparecera sem deixar rasto após ter sido expulso da casa pelo pai.

O advogado da família foi recebido pela governanta da casa e encaminhado para o salão, sentando-se numa cadeira atrás de uma pequena mesa. A sua chegada foi anunciada e pouco tempo depois surgiu nas escadas a viúva.

Ana Valquíria apresentou-se tal e qual como no funeral, revelando um rosto agastado e choroso. Lágrimas de crocodilo, diziam as más-línguas. Vestia um vestido negro bem delineado, pois nem com luto ela deixava de realçar as curvas do seu corpo. O preto assentava-lhe bem, já que contrastava com o cabelo louro e os olhos verdes. Por mais que não se gostasse dela, era impossível não lhe reconhecer a sua extraordinária beleza.

O advogado cumprimentou Ana Valquíria, renovando o pesar pela morte do marido.

— Uma dor profunda. — retorquiui ela, acentuando o tom com um leve soluçar. — É difícil ultrapassar a morte de alguém que se amou tanto.

Se fosse possível ler os pensamentos de todos, seriam irónicos os rostos de compreensão que lhe devotaram.

Desde que se tornara na senhora Vilaça que se esforçou por fazer crescer a sua influência. Atirou-se de corpo e alma à gestão da empresa de moda que o marido lhe oferecera. Aliás, o velho Vilaça cumprira todos os termos do acordo. Somente duas dúvidas lhe ensombravam a mente: se ele cumpriria a palavra no testamento, deixando-lhe todo o património, e se de facto nunca fizera nada contra Bernardo, uma vez que nunca mais soubera dele, desde aquela cruel mensagem enviada para o telemóvel.

A sessão de leitura do testamento foi então iniciada.

A viúva fizera crer a todos que os bens materiais não lhe interessavam. Além disso, durante o casamento, ela soube gerir os seus bens e tudo o que acumulara fruto do seu trabalho já seria suficiente para uma vida tranquila sem precisar da fortuna do marido. Porém, a mágoa pela perda do seu grande amor e tudo o que o velho Vilaça a fizera passar eram razão mais que suficiente para ser credora daquela herança.

Ana Valquíria, com o casamento, tornara-se uma mulher distante e solitária. Enquanto o advogado seguia o protocolo da leitura, a sua mente vagueou nas recordações dos momentos felizes que vivera com Bernardo, no amor sincero e avassalador que haviam partilhado. Nunca o conseguira esquecer, não houvera um dia que não pensasse nele.

O seu olhar cruzou-se com o olhar da figura pintada num quadro gigante pendurado na parede do salão que ilustrava o velho Vilaça numa pose de senhor todo poderoso. Aquela imagem trouxe-lhe à lembrança a mórbida intimidade que fora obrigada a partilhar com o velho. Obrigou-se a despertar do pesadelo.

De volta ao salão, todos ouviam com atenção a leitura do testamento, a qual era executada formalmente pelo advogado e para que não subsistissem dúvidas. A ansiedade era grande e finalmente ele chegava à parte que mais interessava:

— ... assim, é minha última vontade que todo o meu património fique para a minha querida e amada esposa Ana Valquíria. — O advogado fez uma ligeira pausa, como se desse tempo a que a decisão fosse assimilada. Depois prosseguiu — Todo, excepto uma verba de cem milhões de euros, a qual deverá ser entregue ao meu querido e desaparecido filho Bernardo. É minha vontade também que caso ele não seja localizado no prazo de cinco anos, este dinheiro reverta para a criação de uma Fundação com o seu nome de ajuda aos mais carenciados.

Os olhos de Ana Valquíria arregalaram-se. Cem milhões de euros era uma fatia pequena comparada com tudo o que herdara. A sua surpresa era o facto de o velho ter enunciado o filho no testamento, alguém que ele sempre dissera que nunca haveria de herdar nada.

A leitura terminou. Todos se levantaram e cumprimentaram a viúva em despedida, não deixando de proferir mais uma palavra de pesar.

Ana Valquíria levantou-se e chamou o advogado à parte. Ele era o único que conhecia todos os pormenores do casamento dela, uma vez que fora ele que a interpelara na loja e juntamente com o falecido a afastara do amor da sua vida.

— Que me está a escapar? — interrogou, quando ambos ficaram sozinhos na sala. O advogado olhou-a confuso. — O meu marido nunca gostou do filho. Você sabe que até ameaçou matá-lo. Só Deus sabe se não

o terá ordenado, já que nunca mais ninguém soube nada do Bernardo. E agora deixa-lhe cem milhões de euros?

O ódio entre a viúva e o advogado nunca esmorecera, desde que o conhecera.

Sem dizer nada, o advogado entregou-lhe uma folha dobrada.

— O que é isto?

— A minha carta de demissão. — respondeu ele. — Estou certo que seria uma das suas primeiras acções como dona do império. Assim, poupo-lhe o trabalho.

Ana Valquíria confirmou o teor da carta e atirou-a para cima da mesa com desinteresse.

— É verdade? Ele mandou matar o Bernardo? — questionou a viúva.

O advogado sorriu com desdém e lembrou:

— A confidencialidade entre cliente e advogado não me permite comentar.

— Se lhe deixou o dinheiro é porque não o fez. — constatou ela.

— Eu não teria tanta certeza. — contrapôs o outro, deixando a viúva à beira das lágrimas. — O Dr. Vilaça sempre soube que a senhora nunca deixara de amar o filho. Talvez esta seja uma forma de a deixar numa constante dúvida. Se o Bernardo não for encontrado num prazo de cinco anos, fazem uma Fundação com o seu nome. O que na prática não será mais que uma forma de o império Vilaça obter dividendos fiscais, uma vez que a Fundação será gerida pelo Grupo Vilaça. Como vê, até na morte o seu marido foi esperto. Deu a entender que estava a deixar uma fortuna ao filho, mas afinal estava a deixar uma ferramenta ao património para combate aos impostos.

— A menos que o Bernardo apareça. — lembrou Ana Valquíria.

O advogado sorriu com ar malévolo.

— Acha mesmo que o seu falecido marido permitiria que isso acontecesse?

A viúva percebia o que as palavras do homem deixavam a entender, que o marido ordenara mesmo o assassinato do próprio filho. Porém, recusava-se a aceitar isso até que se confirmasse.

— Eu hei-de encontrá-lo.

— Tal como tentou fazer nos últimos tempos? — A pergunta deixou-a perplexa. No último ano, com o acentuar da debilidade do marido, Ana Valquíria contratara uma empresa de investigação para localizarem o enteado. — Sim, nós sabíamos disso. Por isso, o Dr. Vilaça pagou à empresa para lhe ir dando pistas falsas e não perderem tempo com essa busca. Eles é que levaram o lucro todo, receberam de dois lados e não fizeram nada.

Possessa, Ana Valquíria ordenou:

— Ponha-se na rua! Fora daqui, seu crápula!

Sem perder o ar triunfante, o advogado pegou na maleta e foi-se embora.

Rica e destroçada, a viúva era consumida pela raiva de até na morte o marido ter levado a melhor com aquele último golpe. Contudo, até que existissem provas irrefutáveis de que Bernardo estava morto, ela iria continuar a procurá-lo.

E após tomar posse da herança que lhe deixara, processou a empresa de investigação que a enganara e contratou outra para dar continuidade à busca.

Durante algumas semanas, a busca pareceu não vir a trazer qualquer resultado. Todas as informações que lhe chegavam eram inconclusivas e desde que ele desaparecera, após a mensagem enviada para o seu telemóvel, parecia que se evaporara pois não havia uma pista que desenvolvesse algo mais.

De tal forma se sentiu derrotada que Ana Valquíria começou a encarar com mais realidade a hipótese de Bernardo ter falecido. Daí que pediu aos investigadores que ponderassem essa mesma hipótese. Pelo menos, queria sossegar a sua alma, sabendo o que acontecera, mesmo que o desfecho fosse trágico.

No entanto, numa tarde quente de meados de Agosto de 2008, o chefe da equipa de investigação telefonou à viúva com novidades.

— Encontrámo-lo. — disse ele, deixando o coração da cliente aos pulos.

Porém, a forma sucinta da informação deixava inúmeras interrogações, levando os receios de Ana Valquíria conduzirem-na para os piores cenários.

— Está...

— O senhor Bernardo Vilaça está vivo.

A alegria inundou-a de tal forma que as lágrimas lhe brotaram dos olhos, sendo que pela primeira vez em muitos anos eram de felicidade.

— Onde está ele? Está bem?

— Localizámo-lo nos Açores, na ilha de São Miguel.

— São Miguel? — questionou sem saber muito bem o que dizer.

— Vivo e em Portugal? Como foi possível demorar tanto para o encontrar?

— Só regressou a Portugal há uns meses. Ainda temos poucos pormenores. Mas, ao que sabemos, o senhor Bernardo Vilaça esteve estes anos em missões humanitárias pelos cantos mais esquecidos do Mundo.

E agora encontra-se a viver perto de Ribeira Grande, na ilha de São Miguel.

Quando terminou o telefonema, o seu rosto tinha diversos carreiros de lágrimas. Sentada na cadeira do gabinete mais poderoso do Grupo Vilaça que outrora fora o trono do velho Vilaça, Ana Valquíria recompôs-se apesar de toda a ansiedade que a invadia. Chamou a sua secretária, a mesma que trabalhava para si na pequena empresa de moda e que a viúva levava consigo para substituir a antiga secretária do marido, e encarregou-a de lhe marcar viagem e estadia em São Miguel o mais rapidamente possível.

TROVOADAS DE VERÃO

IV

Por vezes tornava-se difícil acreditar que se estava em pleno Verão, pois a noite estava fresca e a memória de noites amenas de Agosto parecia algo distante.

O Estádio da Luz não tinha as bancadas esgotadas, mas não ficara longe disso. Muitos benfiquistas quiseram comparecer ao jogo de apresentação do seu clube, em vésperas de se iniciar uma nova época de campeonato. Uma dessas pessoas era Joaquim, adepto dos encarnados desde miúdo, que ocupava uma cadeira das zonas mais altas de uma das bancadas centrais. Talvez por isso, a frescura da noite era mais intensa devido ao vento que soprava lá no alto. Tinha vinte e oito anos e estava acompanhado do seu filho de seis, o qual presenciava pela primeira vez um jogo de futebol ao vivo. Ele adorava aquela criança, mas a sua vida de pai era no mínimo complicada.

Joaquim sempre adorara o mar, um autêntico peixe na água. Nascera e vivera a sua infância em São Martinho do Porto, sempre com o mar bem perto e sem passar um dia em que não fosse nadar no meio das ondas. Acabou por fazer o curso de marinheiro numa escola náutica. Aos vinte anos surgiu-lhe a oportunidade de ir trabalhar para os Açores, como piloto de uma empresa de turismo, especializada em observações de golfinhos e baleias. Foi assim que conheceu a mãe do seu filho.

Três anos mais velha, espanhola e bióloga, a mãe da criança que o acompanhava também encontrara nos Açores a oportunidade de se desenvolver profissionalmente. Ela já lá trabalhava havia quase um ano e formou com ele a equipa de uma das embarcações de turistas que são sempre compostas pelo piloto e pela guia intérprete de observações.

O contacto constante e a proximidade de relacionamento resultaram num envolvimento sentimental. Contudo, existiam diferenças na forma como cada um encarava a relação. Para ela era apenas um relacionamento sem compromisso, apesar de não ter interesse em mais ninguém, enquanto ele estava verdadeiramente apaixonado por ela.

Algum tempo passado, o inesperado aconteceu e ela ficou grávida.

Quando soube, Joaquim ficou radiante e de imediato a sua cabeça fez planos para o futuro e uma vida em comum com a mulher que amava e com o filho de ambos. Porém, a sua felicidade sofreu um rude

golpe quando ela o informou que não pretendia partilhar o resto dos seus dias com ele. Estava decidida a ter a criança, mas não queria Joaquim na sua vida e se possível nem na vida da criança. O seu relacionamento amoroso terminou nesse instante.

No entanto, Joaquim não desistiu do filho e quis cumprir a sua função paternal. Não conseguiu acompanhar a gravidez, mas esteve presente quando ele nasceu. Sempre que possível, visitava-o na casa da mãe e todos os meses entregava à espanhola uma pensão de alimentos para o menino.

A vida dele ainda se complicou mais quando perdeu o emprego e só arranjou meio de subsistência como empregado num café, ganhando muito menos. Passou fome, mas nunca deixou de entregar o dinheiro para o filho. Quando a criança atingiu o quarto aniversário, Joaquim obteve uma proposta de trabalho no continente e regressou. Foi uma decisão terrível e difícil, mas a que lhe poderia valer alguma qualidade de vida, perante aquela que tinha naquele momento.

Mudou-se para a Gafanha da Nazaré para trabalhar como consultor marítimo de uma empresa de navegação. O seu ordenado passou a ser o melhor de sempre e permitia-lhe ir todos os meses aos Açores ver o filho. Apesar de difícil, conseguiu que a mãe da criança deixasse o menino passar quinze dias de Agosto no continente com o pai.

Neste ano, Joaquim tivera o filho consigo na primeira quinzena de Agosto. E em vésperas de o pequeno regressar a casa, decidiu levá-lo a ver o Benfica a jogar com o Inter de Milão.

O jogo terminou empatado a zero e só mesmo os pontapés da marca de grande penalidade decidiram a quem entregar o troféu disputado. Joaquim ainda quis permanecer para a entrega do prémio, mas o rosto do filho revelava todo o cansaço.

— Vamos embora, filho? — disse-lhe, abraçando-o.

O pequenito João (ou Juan como lhe chamava a mãe) assentiu com a cabeça.

Muitos milhares de adeptos caminhavam na área envolvente ao estádio, quase na sua totalidade da equipa da casa. O jogo fora amigável, não havia adeptos rivais nem perigo de confrontos. Joaquim carregava o filho ao colo, pois o sono pesava na criança. Caminhava na direcção do Centro Comercial Colombo, onde deixara o carro nessa tarde.

Quando alcançou a viatura, João já dormia tranquilamente. Joaquim sentou-o na cadeira no banco traseiro e ajustou-o de forma a ficar seguro. Por muito que evitasse, não conseguia deixar de sentir a tristeza por estar em vésperas de ver o filho regressar à mãe.

Foi preciso alguma paciência para ultrapassar o trânsito à volta do complexo desportivo e ainda por algumas ruas fronteiriças. Porém,

meia hora bastou para que ele entrasse na autoestrada A8 e rumasse a norte.

O percurso não era completamente estranho, uma vez que eram frequentes as deslocações a Lisboa por motivos de trabalho. Optava por aquele percurso por ser mais barato em portagens, mas tinha a contrariedade de uma estrada bastante maltratada entre a capital e Torres Vedras. Aliás, ele costumava ter como referência a forma da pera junto à estrada como divisória entre a boa e a má estrada.

Antes de passar Torres Vedras, João acordou.

— Pai!

— Sim.

— Tenho fome.

Joaquim sorriu, olhando o filho através do espelho retrovisor. Era natural, pois as sandes compradas num “fast-food” do Colombo, antes do jogo, não enchem a barriga de ninguém. Pediu ao filho que esperasse um pouco e parou na estação de serviço seguinte.

Pai e filho entraram na zona de refeições, onde não havia muita gente. Existia uma área de cafés e bolos e outra de sandes. Joaquim dirigiu-se à segunda trazendo João pela mão. Pediu duas sandes ao gosto de ambos, mas tiveram de se contentar com o que havia, uma vez que a cozinha já estava a fechar.

Não havia muita gente por ali, mas curiosamente não seria difícil adivinhar donde vinham, já que ou tinham um cachecol ou uma camisola do Benfica. Não havia dúvidas de que muitos adeptos tinham vindo um pouco de todo o país para assistir ao jogo de futebol.

Quinze minutos passados e já estavam novamente na estrada com Joaquim a conduzir e João a dormir.

Até Leiria ainda havia alguma movimentação de carros no asfalto. Contudo, uma vez entrado na A17, foram raros os veículos que ele avistou até chegar a Aveiro. Aí, nova mudança de autoestrada e após um pequeno troço da A25 estavam a chegar a casa.

Pai e filho despediram-se quando o mais novo já estava confortavelmente deitado na cama. Estava completamente ensonado.

— Pai!

— Sim.

— É amanhã que a mãe me vem buscar?

— Sim. — confirmou Joaquim, notando uma estranha tristeza no olhar da criança.

— Porque não posso viver contigo?

A pergunta era complicada de explicar a uma criança de seis anos. E falar no assunto só acentuava a amargura que ia na alma do pai.

— Sempre viveste com a mãe.

— Mas se quisesse viver contigo?

— A tua mãe gosta muito de ti e ficaria triste se não quisesse viver com ela.

João ficou em silêncio. Parecia querer dizer algo, mas ficou calado. Porém, agarrou a mão do pai com força e disse:

— Gosto muito de ti, pai.

— E eu de ti, filho. És o que mais adoro nesta vida. — retribuiu, evitando não derramar uma lágrima que quase o atraíçoa.

A conversa ficou a remoer-lhe o pensamento toda a noite. Dormiu mal e acordou massacrado pelo sono atribulado.

Nessa manhã ensolarada de sábado, conforme combinado, a mãe de João e o seu companheiro chegaram a casa de Joaquim num táxi. Pelo pouco que sabia, tinham aproveitado os quinze dias sem o filho para fazer férias algures. Joaquim não perdia muito tempo a pensar no assunto, mas era estranho que um casal com aspecto de viver com dificuldades financeiras e com ela sempre a queixar-se com falta de dinheiro para o filho, tivessem possibilidades de viajar. Não lhe interessava saber como conseguiam, só lhe interessava o bem-estar do pequeno.

Naquela manhã, vindos sabe-se lá donde, passaram por ali para levar a criança.

Entre eles não existiam cumprimentos, nem conversas para além das cordiais que implicava o facto de terem um filho em comum. Joaquim desceu as escadas com o filho pela mão, vendo o casal na rua, junto ao carro. Agachou-se em frente ao filho, deu-lhe um beijo no rosto e abraçou-o. A criança abraçou-o com força e soluçou.

— Vá, em breve irei visitar-te. — lembrou Joaquim, num esforço tremendo para parecer forte.

— Tenho medo. — disse o filho.

— Medo? — interrogou, afastando-se e olhando-o nos olhos. As lágrimas escorriam pelo rosto da criança. — De que tens medo?

— Juan! — chamou a mãe.

João olhou para a mãe e não disse nada.

— De que tens medo? — repetiu Joaquim.

— Rápido, temos um comboio e um avião para a apanhar. — avisou o homem que acompanhava a mãe.

— Ele já vai. — gritou Joaquim, sem olhar para eles.

João abraçou o pai com muita força e disse:

— Gosto muito de ti.

— De que tens...

Antes que pudesse terminar a frase, o miúdo dirigiu o olhar para a mãe e para o companheiro. E depois tornou a olhar para o pai.

— Eles?

O rosto de João era tão triste que metia dó.

— Juan! — gritou a mãe.

João abraçou o pai, deu-lhe um beijo e afastou-se sem dar oportunidade a mais questões.

Toda a situação apanhou Joaquim de surpresa e sem reacção. Viu-os partir no carro e só depois se deixou atraindo por duas lágrimas. Já não fazia mal denotar fraqueza, pois já não tinha ali o seu filho para a descobrir. Contudo, as palavras da criança não lhe saíam da cabeça. Teria ele medo da mãe? Seria difícil de acreditar, pois sempre notara que ela o tratava bem.

Ao entrar em casa, reparou no desenho que João lhe deixara. Sorriu para si próprio com aquela forma natural de desenhar as figuras humanas como se fossem feitas de palitos. Viu uma meia bola verde, desenhada sobre um risco azul, onde uma figura feminina dava a mão a uma criança e estavam acompanhadas por uma figura masculina que o filho desenhara estranhamente com um braço maior que o outro. No canto inferior da folha, um quarto de círculo cinza com o desenho de uma casa parecida com a de Joaquim e uma figura masculina ao lado.

A interpretação que fez do desenho foi a de João de mão dada com a mãe e com a companhia do homem que os viera buscar. Estavam todos sobre a meia bola que representava a ilha de São Miguel onde viviam. A casa no extremo da folha era a sua, bem como era ele o homem ao lado da casa que ficava numa terra que não era uma ilha. No entanto, Joaquim só percebeu a verdadeira mensagem um dia depois, o que o deixou à beira do desespero. No desenho a mãe não dava a mão a João, estava a agarrá-lo, a prendê-lo para que não fosse para o pai. E o homem não tinha um braço maior que o outro, tinha um pau na mão. Rapidamente, na mente de Joaquim se edificou a ideia de que o filho era maltratado. Tinha de fazer alguma coisa. Tinha de ir atrás dele.

TROVOADAS DE VERÃO

V

A Quinta do Cavalo era uma extensa propriedade na região de Idanha-a-Nova, pertença de uma das famílias mais ricas e tradicionais da zona. Os terrenos estendiam-se num vale, donde se poderia admirar as zonas mais montanhosas em volta, as casas de Idanha-a-Nova, o monte alto onde Monsanto brilhava com o seu castelo à noite, tudo no meio de uma paisagem onde a vegetação e rocha se misturavam numa imagem deliciosa para o olhar.

Cassandra era uma jovem de vinte e três anos, estudante de sucesso e recém-licenciada em Turismo. Herdeira natural de sua mãe que era uma mulher de sucesso, a qual se viu viúva bem nova e com a administração dos bens da família em mãos.

Adorava viajar, talvez por isso a sua inclinação para o Turismo. Agora que se licenciara, negociava com a mãe a possibilidade de edificar na propriedade uma zona para Turismo Rural.

As actividades da família eram a criação de cavalos, produção de vinho e azeite, para além das vacas e das ovelhas que não tinham uma expressão tão grande na riqueza do seu património. Por isso, o Turismo Rural não era uma prioridade para a mãe de Cassandra. Contudo, ouvira a sua proposta e tinha-a em consideração, uma vez que era o projecto da filha e a demonstração dela em querer trabalhar e construir algo, não ficando à sombra do que já iria herdar um dia.

Naquela manhã de sábado, Cassandra fazia uma das coisas que lhe dava mais prazer, andar a cavalo. O Sol brilhava, mas o calor ainda não era tão intenso. Parecia uma deusa a cavalgar com o cabelo escuro a ondular ao sabor da brisa e do galope. A roupa justa que usava para passear no dorso do cavalo revelava um corpo bem delineado. O seu rosto era hipnotizante com o olhar esverdeado inocente muito sedutor e uns lábios que proferiam uma voz meia rouca. Era tão linda como inteligente e muitos garantiam que já apaixonara todos os corações dos rapazes da região. No entanto, o seu coração era de um jovem de Lisboa que conhecera na Universidade. E naquela altura, após alguns dias de descanso em Idanha-a-Nova, preparava-se para viajar com ele durante uma semana para a ilha de São Miguel, nos Açores.

Deveriam encontrar-se na noite do dia seguinte, mas Cassandra decidira antecipar o encontro para essa noite, de forma a fazer uma

surpresa ao namorado. Por isso, fazia uma última volta a cavalo pela propriedade, antes de partir para Lisboa depois do almoço.

Quando terminou o passeio, Cassandra encontrou a mãe perto dos estábulos a falar com o responsável da gestão dos empregados da quinta. Quase sem tirar os olhos dela, entregou o cavalo a um funcionário e caminhou pelo piso cimentado, fazendo ecoar os saltos das botas de cavalgar até parar junto da mãe. Cumprimentou ambos, dando um beijo à mãe. O homem afastou-se, deixando-as a sós.

— Então? — interrogou Cassandra.

A mãe sorriu, percebendo de imediato ao que a filha se referia.

— Ainda não tomei uma decisão. Não penses nisso agora. Aproveita as tuas férias com o teu namorado. Quando voltares, conversamos.

— Mas, mãe...

— Aprende a ser paciente, Cassandra. — atalhou a mãe. — Nunca deixes que o desejo te cegue a razão. Estamos a falar de um projecto interessante, como já te disse outras vezes, mas que tem de ser bem analisado.

Cassandra assentiu com a cabeça.

— A Genoveva disse que ias partir hoje?! Não era só amanhã?

— Quero fazer uma surpresa ao Diogo. — explicou a filha.

A senhora sorriu, dizendo:

— Vocês já namoram há mais de um ano, tu e ele já se formaram, tu tens este projecto, ele vai trabalhar no próximo mês, as vossas vidas estão bem encaminhadas...

— Mãe, por favor. — interrompeu Cassandra. — Não vamos voltar ao assunto casamento.

— Não vejo qual o mal. Com a tua idade já tinha casado com o teu pai.

— Mas as coisas são diferentes nos dias de hoje. Não penso casar antes dos trinta.

Ao início da tarde, o calor tornara-se intenso como habitualmente. Cassandra partiu no seu carro em direcção a Lisboa. Teria de percorrer alguns quilómetros nos caminhos alcatroados da localidade até chegar à estrada nacional que a levaria até à A23. Era uma estrada sempre complicada com aumento de trânsito na aproximação da A1. Para além disso, complicando ainda mais o cenário, um acidente meia hora antes provocou uma longa fila de carros, o que a fez estar num pára e arranca de mais de uma hora e meia, ao Sol e fustigada pelo calor que o ar condicionado apenas atenuava, até alcançar a principal auto-estrada nacional.

Cassandra sentia a roupa toda colada ao corpo. Tinha vontade de se despir por completo, o que seria uma delícia para o olhar dos condutores que à sua volta aguardavam parados no trânsito. Felizmente optara pela saia quando se estava a vestir para a viagem, queria estar terrivelmente sedutora quando encontrasse o namorado. Puxou o tecido quase todo até à cintura para refrescar as pernas, porém, isso não evitava que se sentisse colada ao banco. Por muito que custasse, tinha que se aguentar.

Os carros avançavam lentamente e a cerca de dez quilómetros da junção dos dois caminhos, já era possível ver as luzes azuis das ambulâncias e carros da BT junto ao acidente.

O aparato era bastante grande, adivinhando-se que as consequências do acidente tinham sido bem graves. Passar a zona mais apertada onde só a berma do asfalto permitia a passagem às duas filas de carros que se intercalavam e entrar na A1 levou mais uns vinte minutos, principalmente porque a maioria dos automobilistas passava pelo acidente muito lentamente para conseguir observar alguma coisa.

O resto do percurso foi feito com normalidade e antes da hora do jantar, Cassandra chegava a Lisboa, estacionando em frente ao prédio onde o namorado vivia. Antes de sair, retocou a maquilhagem e ajeitou a camisa de algodão de manga curta, preocupando-se em que nada estivesse fora do lugar. Saiu do carro, endireitou a saia que lhe terminava acima dos joelhos e colocou os óculos escuros sobre a cabeça, segurando o cabelo. Deitou um último olhar ao espelho retrovisor e, de mala ao ombro, caminhou para o edifício.

O namorado dera-lhe uma chave, mas ela tocava sempre à campainha. Contudo, o seu objectivo era a surpresa. Se ele não estivesse em casa, iria esperá-lo completamente nua sobre a cama do quarto. Mas se ele já lá estivesse, atirar-se-ia ao seu pescoço, iria beijá-lo e aticá-lo, deixando-o louco de desejo para que lhe tirasse a roupa.

Logo que saiu do elevador já trazia na mão a chave. Tentou não fazer barulho para que não existissem suspeitas da sua chegada. Abriu a porta e encontrou silêncio. Fechou-a atrás de si e andou alguns passos até parar com um som que a deixou desorientada. Ouvia gemidos fortes de mulher e um ofegar menos imponente de homem. A sua mente apressou-se a justificar com a possibilidade de o namorado estar a passar o tempo a ver um DVD pornográfico, já que não era segredo o seu apreço pelo género.

No entanto, avançando mais alguns passos, viu roupa de mulher espalhada pelo chão e alguma de homem mais à frente. E o som vinha do quarto...

Só por si, a suspeita já provocava um impacto brutal no espírito de Cassandra. Mesmo assim, continuou. Largou a mala no sofá deu algumas passadas silenciosas até ao quarto. Abriu a porta e foi como se lhe espetassem uma faca no coração.

Uma jovem loura estava completamente nua sobre a cama com as mãos e joelhos apoiados no colchão com o namorado de Cassandra atrás de si, também ele completamente nu, segurando-lhe as ancas e investindo vigorosamente com prazer entre as suas nádegas. Foi ela quem primeiro viu Cassandra.

O esforço para não desabar em lágrimas foi sobre-humano. Confrontou o olhar da desconhecida com ódio, chamando-lhe a atenção o sinal que tinha acima do lábio superior. O seu namorado estava tão empenhado que continuava, sendo ela a parar e a chamar a sua atenção.

— Cassandra!

Ela nem lhe respondeu, dando meia volta e regressando ao local onde deixara a mala.

— Cassandra!!! — voltou ele a chamar, saído do quarto com uma peça de roupa na mão, de forma a cobrir as intimidades.

Cassandra olhou-o, chocada e com a cólera a subir pelo seu corpo. Tinha vontade de lhe gritar, de lhe bater, de o magoar tanto quanto ele a acabara de magoar.

— Não é o que estás a pensar. — disse ele.

Ela não conseguiu evitar um sorriso de estupefacção e disse:

— A justificação mais velha da História.

— Mas é verdade. — insistiu. — Não é nenhum caso. É só uma prostituta.

— O quê? — inquiriu ela ainda com mais ódio. — Uma prostituta? — Abanou a cabeça, incrédula. — O que te leva a recorrer a uma puta? Não podes passar uns dias sem mim?

— Não é isso. — disse ele, mantendo a calma.

— É o quê então?

— Novas experiências.

A resposta foi tão absurda para Cassandra que ela olhou para o ar e sorriu para não desatar num choro desesperado.

— Novas experiências?

— Sim, amor.

— Não me chames “amor”! — ordenou ela, perdendo o sorriso e irradiando ódio no olhar. — Perdeste esse direito.

— Ouve-me. — pediu. — Tenho a necessidade sexual de fazer outras coisas. Tu sabes. Já falámos sobre isso.

— Ir ao cu a uma puta deve ser uma dessas necessidades, pelo que vi aqui.

— Sim.

— Olha, vai-te foder! — vociferou ela. — Pensas que sou o quê? Esperas que te encontre a enrabar uma puta e ache tudo normal porque tens “necessidades sexuais”?

Ele abanou a cabeça e respondeu:

— Se não fossem as tuas lacunas...

— “Lacunas”?? — interrompeu. — Que lacunas?

— Tu sabes bem ao que me refiro. — lembrou ele, usando um tom como se tivesse toda a razão do seu lado. — Nunca estás disposta a fazermos coisas novas. Bolas, Cassandra, sexo contigo é sempre a mesma merda.

Aquilo não podia estar a acontecer, pensava ela. Aquele não podia ser o homem com quem namorava havia mais de um ano, não podia ser aquele por quem o seu coração batia. Aquele homem não podia ser o mesmo a quem se entregava sempre que faziam amor.

— Sempre a mesma posição. — continuou. — Sempre da mesma forma. Nunca quiseste fazer anal.

— Sabes que não me sentia à vontade a fazê-lo. — contrapôs ela. — Esperava alguma compreensão da tua parte.

— E tiveste.

— Nota-se.

— Não tenho a culpa que sejas frígida, Cassandra. — resumiu ele com enorme insensibilidade.

— Frígida? — interrogou ela com espanto. — Tu é que não sabes dar prazer a uma mulher. Tu a fazeres sexo pareces um cavalo a cobrir as éguas.

Diogo encolheu os ombros. Nesse instante, a prostituta com quem ele estava surgiu na porta do quarto, coberta pelo lençol da cama e sugeriu:

— Talvez seja melhor eu ir.

— Sim, põe-te andar. — concordou Cassandra sem tirar os olhos do namorado.

— Calma! — exclamou a outra. — Não é preciso essa agressividade, querida.

Cassandra olhou-a com desprezo e respondeu:

— Olha, podes meter o “querida” no mesmo sítio onde ele estava a foder-te. Pensas que sou da tua laia? Não sou nenhuma puta.

— Se fosses, o teu namorado não tinha tantas razões de queixa. — ripostou a outra com desdém.

Com a mala na mão, Cassandra avançou para ela. No entanto, o namorado segurou-a.

— Larga-me, estupor! — ordenou.

— Tem calma, Cassandra. Por mais que ache interessante duas mulheres à estalada, agora não me dá muito jeito.

— É melhor ir andando. — voltou a sugerir a prostituta.

— Não! Tu ficas! — ordenou Diogo. — Paguei uma fortuna por ti, quero o serviço todo. — Seguidamente olhou para a namorada, largando-a. — Tu é que vais. Esta relação já deu tudo o que tinha a dar. Acabou.

Cassandra não sabia o que dizer. Traída, humilhada e por fim desprezada. Nem o direito a ser ela a pôr fim à relação lhe foi concedido. Atrás de Diogo, a loura sorria pela vitória, o que a irritou ainda mais.

Contudo, não havia mais nada a fazer, mais nada a dizer. Permanecer ali só prolongaria a humilhação e nada que dissesse o magoaria mais a ele que a ela. Virou as costas a ambos, atirou a chave do apartamento para o chão e saiu batendo com a porta.

O esforço para não chorar foi heroico e assim se manteve até alcançar o carro. Entrou e ligou a ignição. O rádio despertou, ao mesmo tempo que o motor do automóvel, e fez ecoar pelo interior uma música que nada tinha a ver com o seu estado de espírito.

Cassandra desabou num choro desesperado.

Não sabe quanto tempo chorou debruçada sobre o volante, mas terá sido certamente todo o tempo da música. Sentia que a vida se desmoronara de um momento para outro ou pelo menos a sua vida sentimental. Por instantes, ficou perdida e sem saber ao certo o que fazer. Baixou o espelho escondido atrás da pala do para-sol e olhou-se, vendo um rosto borrado da pintura que se desvanecera por entre as lágrimas. Não, ordenou a si própria, ele não teria mais essa vitória de a transformar numa figura vencida. Limpou o rosto o melhor que conseguiu e arrancou daquele local de má memória, seguindo para Sintra, onde viviam os seus tios. Não tinha grandes certezas do futuro, mas mantinha uma vontade incondicional, pois estava decidida a manter a sua viagem aos Açores.

18 de Agosto